

## ESCOLA SEM PARTIDO: A DITADURA DO MEDO EM UMA VILA CHAMADA ESCOLA

### *NO-PARTY SCHOOL: THE DICTATORSHIP OF FEAR IN A VILLAGE CALLED SCHOOL*

**Vanessa Rodrigues de Souza**

Universidade Federal Rural do Rio  
de Janeiro.

#### RESUMO

O presente estudo resulta da reflexão sobre a era contemporânea, os valores humanos, a sociedade do medo e os impactos de tais circunstâncias na Educação. Através da apreciação do pensamento de Zygmunt Bauman, em seu livro *Modernidade Líquida*, e da trama do longa-metragem *a Vila* (2004), do diretor M. Night Shyamalan, faz-se uma releitura do contexto das escolas brasileiras sob a perspectiva da ameaça do movimento Escola sem Partido aos processos educativos progressistas. A escolha da temática se deve à inquestionável realidade de medo, desconfiança e insegurança promovida, sobretudo, na educação pública brasileira, e vivenciada pela autora em seu cotidiano profissional. A empreitada Escola sem partido tem obtido visibilidade e apoio da grande camada conservadora da sociedade, o que se revela uma ameaça que não deve ser subestimada, apesar de seus fundamentos inconstitucionais e antidemocráticos. O artigo se desenvolve a partir de uma pesquisa bibliográfica e documental de interpretação hermenêutica que busca compreender processos interativos para produzir um sentido prático na construção social da realidade escolar brasileira.

**Palavras-chave:** Educação. Escola sem partido. Modernidade líquida. Medo. Liberdade.

#### ABSTRACT

*The present study results from the reflection on the contemporary era, human values, the society of fear and the impacts of such circumstances on Education. Through the appreciation of the thinking of Zygmunt Bauman, in his book *Liquid Modernity*, and the plot of the feature film *Vila* (2004), by director M. Night Shyamalan, a re-reading of the context of the Brazilian schools under the threat perspective of the No-Party School movement to progressive educational processes. The choice of the theme is due to the unquestionable reality of fear, distrust and insecurity promoted, above all, in Brazilian public education, and experienced by the author in her professional daily life. The school without party has gained visibility and support from the great conservative stratum of society, which is a threat that should not be underestimated, despite its unconstitutional and undemocratic foundations. The article develops from a bibliographical and documentary research of hermeneutic interpretation that seeks to understand interactive processes to produce a practical sense in the social construction of Brazilian school reality..*

**Keywords:** Education. No-party school. Liquid modernity. Fear. Freedom.

## 1 INTRODUÇÃO

Diante da dinâmica social brasileira, é necessário refletir sobre os valores humanos na era da contemporaneidade, a vida em sociedade pautada a sombra do medo, da insegurança e da desconfiança. A educação brasileira não está à margem dessas circunstâncias, mas, na verdade, impregnada delas, sobretudo, no tocante à materialização de ameaças à educação emancipatória, oriunda do Movimento Escola sem Partido. A reflexão dessa realidade é feita no presente artigo, através da apreciação do pensamento de Zygmunt Bauman, em seu livro *Modernidade Líquida*, e da trama do longa-metragem *A Vila* (2004), do diretor M. Night Shyamalan. Traça-se uma releitura do contexto das escolas brasileiras sob a perspectiva da ameaça do Movimento Escola sem Partido aos processos educativos progressistas e, assim, também vivenciada pela autora em seu cotidiano profissional.

## 2 ESCOLA SEM PARTIDO: A DITADURA DO MEDO EM UMA VILA CHAMADA ESCOLA

O filósofo Zygmunt Bauman (2001), em seu livro *Modernidade Líquida*, desenvolve uma profunda reflexão sobre a liberdade, a segurança e o medo. Ele expõe o dilema da sociedade pós-moderna, no que diz respeito ao equilíbrio sempre imperfeito entre duas temáticas: a liberdade e a segurança. Partindo desse pressuposto, percebe-se que a sociedade cada vez mais troca a liberdade por uma suposta vida mais segura e tranquila, promovida por uma cultura do medo, utilizada como controle social. No ambiente escolar, essa realidade não é diferente, sobretudo, quando se diz respeito a sacrificar a liberdade do outro em nome de sua segurança ou da segurança de outrem que manter sob controle.

O filme *A Vila* (Título original: *The Village*), 2004, demonstra essa dualidade (liberdade e segurança) que Bauman (2001) identifica na sociedade pós-moderna. O longa-metragem do cineasta indiano M. Night Shyamalan re-

vela uma pequena comunidade que vive em uma vila rústica, aparentemente ambientada no século XIX, controlada por uma cúpula de anciãos que centralizam, em nome do bem-estar dos habitantes da vila, as funções da tríade política: legislativo, executivo e judiciário. Em um clima misterioso e sombrio, o filme introduz um grupo de criaturas sobrenaturais, nomeados pela comunidade como “Aqueles de quem não falamos”, que vivem na floresta que circunda a vila, região está proibida para os habitantes do vilarejo. Tais criaturas aterrorizam a vila, caso estes não sigam as regras de limites de território. Supostamente, pela segurança e proteção da comunidade, os anciãos, guardiões das leis e dos bons costumes, controlam e vigiam as ações da comunidade e em contrapartida ocultam certas verdades de todos.

A trama do filme não difere muito da dinâmica vivida em muitas escolas brasileiras. Ao se comparar as personagens do longa aos sujeitos das escolas tem-se os habitantes indefesos da vila como os alunos; os anciãos protetores como os adeptos do Movimento Escola sem Partido; as criaturas sobrenaturais horrendas, que devem ser a todo custo afastadas dos habitantes da vila, como os professores progressistas que se aproveitam da vulnerabilidade dos alunos para doutriná-los.

O movimento Escola sem Partido foi criado em 2004<sup>1</sup>, objetivando “dar visibilidade à instrumentalização do ensino para fins políticos, ideológicos e partidários [...] uma iniciativa conjunta de estudantes e pais preocupados com o grau de contaminação político-ideológica das escolas brasileiras, em todos os níveis: do ensino básico ao superior”<sup>2</sup>. A iniciativa tem como líder-fundador o advogado Miguel Francisco Urbano Nagib e um *site*<sup>3</sup> que comporta a organização de conteúdos sobre o tema, perfis e práticas de possíveis doutrinados-

<sup>1</sup> Conforme entrevista de Miguel Nagib, disponível em <http://escolasempartido.org/midia/395-entrevista-de-miguel-nagib-a-revista-profissao-mestre/>. Acessado em 31/05/2018.

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/quem-somos/>. Acessado em 31/05/2018.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.escolasempartido.org/>. Acessado em 31/05/2018.

res, incitações ao combate a agenda de doutrinação, baseadas em delações e documentação para provas processuais, além de um espaço para denúncias de práticas indevidas nas escolas. Ou seja, uma verdadeira “caça às bruxas” de professores doutrinadores, esquerdistas, comunistas. Seria cômico se não fosse trágico.

Voltando ao filme, no final da trama, se revela que os moradores da vila estão vivendo de fato no século XXI e que o Conselho de anciãos criou a lenda dos “Aqueles de quem não falamos”, e que estes, na verdade, são os próprios anciãos, que se caracterizam de monstro e, assim, através do medo, atuam como elemento coercitivo e mantém o controle sobre os demais habitantes da vila. Em uma tentativa desesperada de busca pela segurança (ou melhor controle), os anciãos criam uma utopia para a suposta proteção de todos.

Partindo-se do filme para se fazer uma metáfora com o ambiente escolar, vê-se que os protetores da escola (pais, alunos, educadores, contribuintes e consumidores de serviços educacionais adeptos do movimento Escola sem Partido), na verdade, são os reais monstros que privam os jovens de viverem por suas escolhas, de conhecer o mundo contemporâneo e todos os embates e conflitos que há nele. Além disso, propagam um clima de medo nas escolas, rotulando o professor como carcereiro de alunos, aprisionados em suas aulas de doutrinação ideológica. E por tal fato, é preciso excluir todas as atribuições vinculadas ao ofício do professor, à sua atividade profissional, à docência. Tendo como meta de professor ideal um educador sem liberdade de expressão no exercício da sua atividade profissional. Em suma, como Penna (2017, p. 36) afirma:

Uma dissociação entre o ato de educar e o ato de instruir. O ato de educar seria responsabilidade da família e da religião; então o professor teria que se limitar a instruir, o que no discurso do Escola sem Partido equivale a transmitir conhecimento neutro, sem mobilizar valores e sem discutir a realidade do aluno.

Tal concepção postula a relação de ensino-aprendizagem retrógrada-reducionista, totalmente descontextualizada, e que não se preocupa em nada com as experiências, co-

nhecimentos prévios e inquietações dos educandos. Uma educação simplista e reacionária, em suma, um anacronismo.

No filme, a justificativa dos anciãos para a criação da vila é a desilusão que eles tiveram com a vida no mundo contemporâneo. Estes foram vítimas de atos de violência no espaço urbano, mazelas sociais, assim, ameaçados, eles fogem da cidade para se isolar e se proteger, controlando o rumo da vida de seus descendentes de forma segura. Na escola, a justificativa para o projeto Escola sem Partido parte do mesmo pressuposto. Um grupo que não concorda com determinados pensamentos, ideologias, iniciativas e ações em pauta na vida pós-moderna, consideradas ameaças a seus entes queridos nas escolas, se organizam para protegê-los de uma doutrinação contra suas perspectivas. Tal proteção é feita a partir do isolamento da escola das circunstâncias e discussões do mundo fora dela, como se a escola não expusesse a realidade do mundo, afinal ela é parte dele.

Não obstante a isso, a estratégia de proteção adotada é impedir o contato dos estudantes com os pontos de vista contrários ao que, segundo o grupo, se pensa ser certo e de bom valor. A solução para o desacordo de posicionamentos é, portanto, a erradicação dos pensamentos contrários aos deles, ou seja, o melhor caminho de proteção (vista neste artigo, como sinônimo de “controle”) das novas gerações é a ignorância de conhecimento alheios aos de suas famílias e a exclusão do debate de visões.

A dita doutrinação de professores, segundo o próprio *site* do Movimento, é feita: “ (...) a pretexto de ‘construir uma sociedade mais justa’ ou de ‘combater o preconceito’, professores de todos os níveis vêm utilizando o tempo precioso de suas aulas para ‘fazer a cabeça’ dos alunos sobre questões de natureza político-partidária, ideológica e moral.” Ou seja, a comunidade escolar precisa prezar pela integridade e segurança dos estudantes, visto que essa agenda de discussão de dinâmicas multifacetadas da sociedade pós-moderna é uma ameaça aos alunos. Dialogar as aulas com a realidade que se vive para promover mais tolerância na vida em sociedade, o respeito às diferenças e o combate ao preconceito são posturas que re-

velam uma atitude abominável de certos professores, visto que determinadas abordagens podem não condizer com as crenças, ideologias e valores da família dos estudantes. Nesse momento, cabe a indagação a respeito de que crenças e valores são esses que divergem dessa agenda? Valorização do preconceito? Promoção da Intolerância? Multiplicação do Racismo? Genocídio a comunidade homoafetiva?

Portanto, segundo o movimento Escola sem Partido, é preciso silenciar, combater e afastar esse discurso das crianças e dos jovens. Dar o direito aos estudantes de formarem sua opinião e refletirem a partir do conhecimento de diversas vertentes sobre os temas em pauta, não! É preciso eliminar a ameaça através da erradicação das vozes daqueles de quem se discorda. O caminho não é o diálogo, e sim a mordada ao professor.

Segundo Bauman (2001), a pós-modernidade, ou como o autor a denomina, a modernidade líquida, fez o ser humano despertar de um sonho colorido, de um mundo simétrico, pois não há vida sem mal-estar, vive-se em um mundo marcado pelas incertezas, uma sociedade sem consistência e fluída. Os anciãos do filme fundam a vila justamente para se protegerem da desilusão da vida moderna. Eles fugiram dos riscos e da insegurança da sociedade contemporânea, criando uma nova possibilidade de vida, uma outra perspectiva de conceber o mundo, sanando o que o progresso e a tecnologia, em suma, a vida moderna, não promoveu. Os otimistas vislumbraram um mundo em que o progresso colocaria fim ou pelo menos diminuiria as mazelas sociais. Porém, o progresso imaginado nunca se concretizou, as pessoas continuaram morrendo de fome, sem moradia, saneamento básico, sendo vítimas de violência; a paz nunca foi alcançada, a prosperidade nunca chegou a todos. Na verdade, o sentimento de vulnerabilidade, aliado ao assustador mundo moderno, além da enorme contribuição da mídia na disseminação da cultura do medo, fomentou uma sociedade submissa e assustada.

O medo despontou como um controlador social que se revelou como um fator determinante para a expansão do poder do Estado.

Estado este que se torna dominador, interferindo na vida social, legitimando suas ações arbitrárias ao promover a desconfiança e reforçar o sentimento de insegurança. Legitima-se um discurso falido de fortificação da segurança pública, através da redução da privacidade, da relativização da liberdade de expressão e da contrariedade à própria democracia. Um infeliz exemplo disso é, exatamente, a realidade local, vê-se o caso da intervenção no Estado do Rio de Janeiro. Direitos individuais, dos mais básicos, como o de ir e vir são fragilizados sob a justificativa da luta contra a ameaça iminente da violência em prol da segurança pública. Exalta-se a vulnerabilidade, o perigo constante, consolida-se o medo não como uma reação a uma ameaça específica, mas uma situação generalizada de insegurança. E eis que surge a pergunta: Até que ponto se está diante de uma situação real e / ou forjada por um grupo com objetivos bem específicos e escusos?

Pode-se também ressaltar a greve recente dos caminhoneiros, iniciada no dia 21 de maio, em que a população, paradoxalmente, apoia a causa principal dos caminhoneiros, o aumento do valor do combustível, afinal ela também sofre com esses valores abusivos, mas, também, desesperada e com medo dos impactos da greve no seu dia-a-dia, faz fila em postos de combustível que se aproveitam da situação escassa do produto e aumentam seus preços de venda exorbitantemente. Em suma, como Bauman afirma sobre o pressuposto da vulnerabilidade: “o pressuposto da vulnerabilidade aos perigos depende mais da falta de confiança nas defesas disponíveis do que do volume ou da natureza das ameaças reais”. (BAUMAN, 2008, p. 9)

Em paralelo ao clima de terror e medo que desponta a modernidade líquida que legitima um controle protetor do Estado, tem-se na Educação o papel de controlador-protetor da dita família tradicional brasileira detentora da moral e dos bons costumes. Dessa forma, qualquer um que não se enquadre no perfil de valores, comportamentos e discurso exigido é uma ameaça à harmonia social, e por isso deve ser punido, corrigido e, se definido como irremediável, deve ser marginalizado, humilhado e até mesmo exterminado. Não há espaço para

o diferente. Não há espaço para democracia. Não há espaço para as minorias. A escola que deveria ser o ambiente mais democrático da vida em sociedade só reflete como esta está intolerante, coercitiva e intransigente. Apesar do cenário do mundo atual ser fragmentado, não mais baseado no embate apenas de classes, e sim na existência de diferentes tribos, a luta para a coexistência destas tribos parece muito distante quando se depara com movimentos como o dito Escola sem Partido.

Penna (2017, p. 46) afirma que em sua pesquisa sobre as denúncias do movimento quanto à doutrinação, os relatos são, sobretudo, de âmbito religioso (matrizes africanas) e da dita ideologia de gênero: “[...] é um ataque a determinadas formas de pensar, determinadas crenças. [...] Eu vejo aqui um ódio à democracia, literalmente, não querer conviver com a diferença na escola, não querer dialogar com outras crenças”. Uma realidade muito triste. Um grupo de pessoas que não quer dividir o espaço com o outro, não quer dialogar com o outro, que prefere usar sua força diante dos privilégios tradicionais para coagir e reprimir o outro por não ser como ele.

Bauman define a modernidade líquida como um tempo de individualismo, laços frágeis e falta de compromisso. O ser humano tem tanto medo do amor e da vida quanto tem da morte. Faz-se preciso adicionar à definição de Bauman que a modernidade líquida revela um homem sem humanidade, uma sociedade que utiliza o medo como pretexto para libertar a criatura pós-moderna que se tornou. Uma sociedade que sente prazer na infelicidade do outro por pura convicção rasa e egoísmo profundo. Uma sociedade que teme a coexistência e a tolerância devido à fragilidade de sua própria identidade, pois a negação ao outro conforta a insegurança do seu próprio eu, e quando coletiva, permite a manutenção dos privilégios e a intensificação da vaidade legitimada pelo sentimento de pertencimento.

No filme, a liberdade é sacrificada para que todos vivam em segurança, apesar de abdicarem de algo que muitos nem conheceram. A escolha implica em inúmeros dilemas e privações. Na escola, silenciar o professor

progressista e promover uma educação tradicionalista, contemplando apenas a educação formal, de conteúdos pré-estabelecidos, é um retrocesso, um artifício de controle. Nas palavras de Frigotto (2017, p.31):

O que propugna o Escola sem Partido não liquida somente a função docente, no que a define substantivamente e que não se reduz a ensinar o que está em manuais ou apostilas, cujo propósito é de formar consumidores. A função docente no ato de ensinar tem implícito o ato de educar. Trata-se de, pelo confronto de visões de mundo, de concepções científicas e de métodos pedagógicos, desenvolver a capacidade de ler criticamente a realidade e constituírem-se sujeitos autônomos. A pedagogia da confiança e do diálogo crítico é substituída pelo estabelecimento de uma nova função: estimular os alunos e seus pais a se tornarem delatores. Ao por entre aspas o termo “sem” da denominação Escola sem Partido, quer-se sublinhar que, ao contrário, trata-se da defesa, por seus arautos, da escola do partido absoluto e único: partido da intolerância com as diferentes ou antagônicas visões de mundo, de conhecimento, de educação, de justiça, de liberdade; partido, portanto, da xenofobia nas suas diferentes facetas: de gênero, de etnia, da pobreza e dos pobres etc. Um partido que ameaça os fundamentos da liberdade e da democracia.

Dessa forma, percebe-se que a agenda do movimento tem objetivos claros que fomentam verdadeiras ameaças à democracia e à liberdade de expressão nas escolas. A escola precisa ser um ambiente de confiança, respeito e liberdade para todos os sujeitos que nela convivem. A educação norteia o caminho para a construção da identidade de um ser. Ser este que está em uma constante dinâmica de ação para satisfazer suas necessidades, manipular a realidade, construir a si mesmo. Essa construção deve ser um autodesenvolvimento que não desqualifica a necessidade de se auxiliar esse sujeito na sua busca incessante de seu próprio eu, de seu conhecimento interior, de si próprio, como ele se percebe, como é, como age, como funciona, como ele se relaciona. Permitir todos os tipos de manifestações expressivas se faz preciso. O ensino formal, para a construção da unicidade do indivíduo, não é o bastante. A esfera pedagógica não pode negligenciar tamanha responsabilidade.

Cabe aos educadores, apesar das ameaças, coações, revoltantes denúncias e coerções não se deixarem abater pelas ações infundadas

e validadas pelo movimento Escola sem Partido. Cabe à classe de professores se unir e lutar para difusão de um ambiente escolar democrático, confiável e confortável para todas as tribos que comportam a sociedade brasileira. A aula deve ser politizada sim. Como Paulo Freire afirmava, não há educação neutra, educar é um ato político. A escola, por ser politizada, insere o sujeito no mundo e em seus embates e circunstâncias, não para assistir passivo a realidade e sim para ser protagonista de reações em prol da mudança desta. (FREIRE, 1998). Não há espaço para alunos passivos e professores aplicadores de material didático. Diálogo é a chave de qualquer relação ensino-aprendizagem. Negar a essência dialógica dessa relação é ser contrário a promoção de uma educação crítica-reflexiva que priorize a consciência perante os dilemas do mundo. E, além disso, corroborar para a não formação de um sujeito autônomo e reflexivo quanto a seu papel na sociedade e de uma postura de educação em prol da ação multiplicadora de transformação de realidade. Concomitante a isso, o que também não é concebível é a utilização do medo para controlar as pessoas. Não cabe, na vida em sociedade, ter uma vida regida pelo medo, seja o medo de tentar, de se arriscar, de ser você mesmo, de amar, muito menos, o medo de viver plenamente e saborear tudo que a interação com o outro possa oferecer. Ou seja, simplesmente, viver.

Em suma, é preciso assumir riscos e consequências de escolhas feitas. Ao analisar a liberdade na modernidade, vê-se que esta é restrita, delimitada e confinada a um território. Vivemos em nossas casas, com muros repletos de arames e pedaços de vidro afiados e bem altos para afastar o outro, adquirimos aparelhos de vigilância, câmeras e sensores para identificar e afastar o outro, compramos uma casa em um condomínio fechado com guaritas e seguranças 24 horas para nos protegermos do outro, alguns defendem a liberação do porte de armas para que se possa se proteger do outro. Essas ações não são atos deliberados de sacrifício da nossa liberdade para que possamos viver sem que a ameaça que existe nos outros não nos alcance? Mas será que não somos também

o outro de alguém? No que diz respeito à escola, o que é diferente no outro é uma ameaça para nós? Por quê? Para nos sentirmos seguros precisamos aprisionar o outro? Só somos livres e felizes quando o outro estiver aprisionado nele mesmo porque discordamos dele? Estamos livres sim, mas prendendo os outros que estão do lado de fora, pelo lado de dentro? Essa realidade de insegurança, ódio e violência que tanto tentamos nos afastar, quem a criou? Quem é responsável por ela? Nós mesmos ou é sempre o outro? Ignorar, calar e/ou maltratar o outro, por exemplo na escola, corrobora ou enfraquece esse quadro?

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A empreitada Escola sem Partido tem obtido visibilidade e apoio da grande camada conservadora da sociedade, o que se revela uma ameaça que não deve ser subestimada, apesar de seus fundamentos inconstitucionais e antidemocráticos. A modernidade líquida expôs um homem sem humanidade, que vive em uma sociedade baseada em relações frágeis em meio à ditadura do medo. Medo este que é reproduzido nas escolas, neste presente artigo, evidenciado nas ameaças do movimento Escola sem Partido à educação emancipadora.

Com o pretexto de se resguardar e proteger sua família de crenças e ideologias que ferem os valores dos adeptos ao movimento, este grupo “preocupado” quer reproduzir nas escolas uma educação neutra que não perpassa por ideologias e valores nenhum. Porém, o simples fato de se defender esta agenda é uma posição ideológica repleta de valores, ideologias e extremamente partidária. Tal postura revela uma ideologia que incita ações de essência preconceituosa, excludente e antidemocráticas.

Além disso, reduzir o papel do professor a instrutor de conteúdos formais é um retrocesso exponencial para a Educação. Promover na escola um ambiente de terror e medo é uma estratégia calculista, fria e mesquinha de camadas tradicionalistas da sociedade, organizadamente partidárias. Estes, sob a bandeira de exigir uma educação “sem” partido, sem dou-

trinação ideológica, tacham as demais camadas da sociedade de tolos e/ou ingênuos. Pois, é perceptível a real meta do movimento, controlar a educação escolar, norteador para um viés unipartidário que atenda exclusivamente seus valores, suas crenças e ideologias, marginalizando tudo que não condiz com seus preceitos. Dessa forma, ratifica-se a ignorância, o preconceito, a intolerância e o combate a diferença.

Em suma, cabe aos estudantes, professores, pais, a academia, todos os sujeitos envolvidos na educação brasileira se mobilizarem e lutar juntos contra essa ameaça real que é o movimento Escola sem Partido, fomentar discussões, conscientização, ações reais de combate e resistência. Que nossa escola não se transforme em um espaço de controle e ignorância, regido pela ditadura do medo, além de reprodutor de valores, pensamentos e ideologias únicas, sem espaço para o diálogo, para a liberdade de pensar, de falar, de agir e de simplesmente ser. Ou seja, que nossa escola não se transforme na vila de M. Night Shyamalan.

ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, 2017

A VILA. Dirigido por M. Night Shyamalan. Produzido por M. Night Shyamalan, Sam Mercer, Scott Rudin e Jose L. Rodriguez. Intérpretes: Bryce Dallas Howard, Joaquin Phoenix, Adrien Brody, William Hurt e Sigourney Weaver e outros. Roteiro: M. Night Shyamalan. Fotografia: Roger Deakins. Música: James Newton Howard. [S.l.]: Lusomundo, 2004. 1 DVD (115 min), NTSC, color. Título Original: The Village.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Zahar: Rio de Janeiro, 2007.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Zahar: Rio de Janeiro, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FRIGOTTO, Guadêncio. A gênese das teses do Escola sem Partido - esfinge e ovo da serpente que ameaçam a sociedade e a educação. In: \_\_\_\_\_ (org.) **Escola “sem” Partido**: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira. Rio de Janeiro: UERJ, 2017.

NAGIB, M. **Escola sem Partido**. Disponível em: <<http://www.escolasempartido.org/>>. Acessado em: 31/05/2018.

\_\_\_\_\_. **Entrevista de Miguel Nagib à revista Profissão Mestre**. Disponível em: <<http://www.escolasempartido.org/midia/395-entrevista-de-miguel-nagib-a-revista-profissao-mestre/>>. Acessado em: 31/05/2018.

\_\_\_\_\_. **Quem somos**. Disponível em: <<http://www.escolasempartido.org/quem-somos/>>. Acessado em: 31/05/2018.

PENNA, Fernando. O Escola Sem Partido como chave de leitura do fenômeno educacional. In: FRIGOTTO, Guadêncio (org.). **Escola “sem” Partido**: esfinge que